

A comercialização do pinhão de *Araucaria angustifolia* no Distrito de Taquara Verde, município de Caçador-SC.

Marketing aspects of brazilian-pine nut, at Taquara Verde District, Caçador-SC.

VIEIRA DA SILVA, Camila. DESMA/PGDR/UFRGS e NPFT/UFSC camivs@gmail.com; MIGUEL, Lovois de Andrade PGDR/UFRGS; REIS, Maurício Sedrez dos. Departamento de Fitotecnia/UFSC.

Resumo

Os produtos florestais não madeireiros (PFNM) têm sido uma alternativa para pequenos agricultores como adicional de renda em áreas com remanescentes florestais e também em sistemas agroflorestais. Este estudo aborda aspectos da comercialização do pinhão, um dos principais PFNM da Floresta Ombrófila Mista, no distrito de Taquara Verde, no município de Caçador-SC. Os resultados foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas com diversos atores envolvidos com a comercialização do pinhão. Este canal de comercialização caracteriza-se na região pela presença de muitos intermediários e pela presença de atores com papéis múltiplos. Os resultados demonstraram o elevado potencial do pinhão em aliar a conservação da araucária com uma fonte alternativa de renda.

Palavras-chave: Produto florestal não madeireiro, *Araucaria angustifolia*, comercialização.

Abstract

Non-timber forest products (NTFP) have been an alternative for small farmers as an additional income in areas with forest remnants and in agroforestry systems. This study aims to make an overflight over the marketing aspects of the brazilian-pine nuts, a key NTFP in Brazilian-pine Forest, at Taquara Verde district, Caçador-SC. Results were obtained through semi-structured interviews with different actors of brazilian-pine nut's marketing channel. This marketing channel is characterized by the presence of many intermediaries and the presence of actors with multiple roles. The results demonstrated the potential of brazilian-pine nuts as an alternative source of income combined with the conservation of Araucaria.

Keywords: Non-timber forest product, *Araucaria angustifolia*, marketing.

Introdução

A exploração da Floresta de Araucária, ou Floresta Ombrófila Mista (FOM) foi componente importante na economia da Região Sul, sendo que sua superexploração e a expansão das fronteiras agrícolas na região Sul fizeram com que a cobertura florestal sofresse uma redução drástica, de 35% da área dos três Estados do Sul, para 2% a 4% da sua área original (GUERRA *et al.*, 2002). Devido a esta drástica redução em sua área de ocorrência, o estado de conservação da Floresta Ombrófila Mista é considerado crítico (DINERSTEIN *et al.*, 1995).

A utilização econômica mais comum da araucária esteve principalmente associada à obtenção de madeira (tabuados, vigamentos, pranchões, caixas, móveis), entre muitos outros usos (REITZ e KLEIN, 1966; GUERRA *et al.*, 2002). Historicamente, esse processo de utilização, que resultou na superexploração da espécie e que quase dizimou a Floresta com Araucária, fez com que a araucária constasse na "Red List" da IUCN (The World Conservation Union) e na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção do IBAMA, através da Portaria Nº 37-N, de 03 de abril de 1992, em ambas as listas na categoria de vulnerável. Recentemente, na nova versão "Revisão da lista da flora brasileira ameaçada de extinção" a espécie passou para a categoria - em perigo (BIODIVERSITAS, 2006).

Resumos do VI CBA e II CLAA

Além disso, em 24 de maio de 2001, foi aprovada a Resolução do CONAMA N° 278, a qual dispõe sobre o corte e exploração de espécies ameaçadas de extinção. Esta Resolução suspende o corte e a exploração de espécies ameaçadas de extinção que constam na lista oficial do IBAMA, em populações naturais no Bioma Mata Atlântica, até que sejam estabelecidos critérios técnicos, cientificamente embasados, que garantam a sustentabilidade da exploração e a conservação genética das populações exploráveis; limitando, desta maneira, a exploração da espécie a áreas de plantio e a exploração de pinhão como fonte alternativa de renda.

Por outro lado, a exploração de pinhão segundo Santos (1973) é uma prática utilizada pelos povos indígenas que habitavam a região tanto do planalto catarinense quanto do litoral, segundo este autor os povos indígenas do litoral faziam incursões ao planalto durante o inverno para coletarem recursos, no caso o pinhão. Tal fato demonstra o consumo histórico do recurso. Embora o consumo de pinhão seja uma tradição muito antiga, já mencionada por Reitz e Klein, (1966) e Santos, (1973), não só do Estado de Santa Catarina, mas em todos os Estados do Sul do Brasil, poucas referências são encontradas tanto sobre os aspectos da comercialização do pinhão.

Contudo, uma das alternativas encontradas para incrementar a renda familiar na área da FOM, tanto sob o manejo de populações naturais em remanescentes florestais quanto em composição de sistemas agroflorestais, principalmente por pequenos agricultores que possuem pinhais em suas terras, é a coleta de pinhão, uma vez que este produto é muito procurado durante os meses de inverno, principalmente nos estados do Sul do país. Assim, este estudo teve como objetivos específicos: identificar o canal de comercialização do pinhão a partir do Distrito de Taquara Verde, Caçador, SC.

Metodologia

O Distrito de Taquara Verde está localizado a cerca de 26km do centro da cidade de Caçador. É composto principalmente por uma comunidade localizada no meio rural. As principais atividades da comunidade são empregos nas indústrias madeireiras, nas empreitadas de corte de pinus e de roçada, e de meeiros ou diaristas nas lavouras nas épocas das culturas de primavera e verão (alho, cebola e tomate) (Comum. pessoal da assistente social local, 2005).

Durante o ano de 2005 foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com 33 coletores de pinhão e com os únicos três mercados locais, os principais aspectos abordados nas entrevistas eram sobre a comercialização do pinhão, e observação participante na comunidade, com enfoque na coleta e nas negociações com o pinhão.

Resultados e discussões

Alguns produtos florestais não madeireiros (PFNM) possuem alto valor e já são comercializados internacionalmente, como é o caso da castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*), dos palmitos (*Euterpe spp.*), do ratan, chicle (*Manilkara zapota*), entre outros (SHANLEY et al., 2002). No entanto, segundo os mesmos autores, o maior problema sobre os PFNM é a falta de dados documentados sobre estes produtos, mesmo para os PFNM mais consumidos, sendo isso resultado da dificuldade de valorar estes produtos, que é consequência de suas utilizações e comércios em economias informais nas comunidades locais. Para o pinhão estes aspectos não são diferentes.

Dos 33 informantes entrevistados no Distrito de Taquara Verde 100% guardam um pouco de pinhão para consumo próprio. Quanto a venda encontrou-se que 06 famílias (18,2%) vendiam apenas o que sobrava, 06 famílias (18,2%) vendiam esporadicamente, 07 famílias (21,2%) sempre venderam e 14 famílias (42,4 %) nunca venderam o pinhão coletado. Das famílias que

Resumos do VI CBA e II CLAA

vendiam 16 delas, que correspondem a 84,1%, vendiam no próprio Distrito da Taquara Verde (DTV) tanto para os mercados locais quanto para intermediários locais, 02 famílias (10,5%) vendiam tanto no DTV quanto nos mercados de Caçador e apenas 01 família (5,3%) vendia o pinhão coletado nos mercados de Caçador. Segundo 03 informantes, eles vendiam antigamente para um comprador de Videira que ia até o DTV e pagava melhor do que os compradores locais, ainda segundo estes informantes este comprador possuía uma fábrica de pinhão em conserva que faliu e a partir disso, estes informantes passaram a vender no DTV. Ilustrando a dependência do intermediário local, nas comunidades carentes afastadas dos centros urbanos.

Sobre o histórico do preço há unanimidade em dizer que o preço do quilo do pinhão começou a subir há cerca de 2 ou 3 anos, no entanto, há uma certa contradição entre os preços e as datas relatadas pelos informantes. A variação de preço dentro da safra no ano de 2004 foi observada depois da semana de Corpus Christi, quando o preço pago pelos intermediários da Taquara Verde passou de R\$ 1,00 para R\$ 0,80 e os informantes relatam que sempre em junho, que seria o forte da safra, o preço pago pelo quilo do pinhão diminuiu, sendo que nenhum deles soube informar de quanto é esta diminuição.

Os 03 mercados locais fazem o papel tanto de intermediários quanto de varejo com a venda direta ao consumidor. Estes mercados adquirem o pinhão tanto dos coletores do DTV quanto de outros que vêm de outras comunidades rurais no entorno do DTV. Todos os mercados locais estocam o pinhão em sacos plásticos e negociam tanto com viajantes que cruzam o Distrito da Taquara Verde em direção a BR 153, quanto para intermediários que ligam encomendando uma determinada quantidade de pinhão, sendo os destinos os mais variados, foram citados Foz do Iguaçu (CEASA), Concórdia, outros mercados do próprio município de Caçador, Videira, não havendo nenhum comprador fixo.

Um aspecto interessante a relatado tanto pelos mercados quanto pelos coletores locais é o escambo, alguns coletores trocam pinhão por mercadoria nos mercados ou por serviços com os vizinhos. A partir dos relatos feitos com atores do Distrito da Taquara Verde pode-se criar o seguinte fluxograma do canal de comercialização do pinhão (FIGURA 1). Com base nos resultados, pode-se observar que o canal de comercialização do pinhão, caracteriza-se pelo baixíssimo grau de processamento pós-colheita e com quase nenhum ponto de agregação de valor ao longo da cadeia. Resultado semelhante para o pinhão também foi encontrado por Santos et al. (2002).

Conclusões

Os resultados demonstram quase nenhum ponto de agregação de valor e de atores com múltiplos papéis. Por fim, este estudo indicou um bom potencial deste recurso para o incremento da renda de comunidades rurais, reforçando a importância de espécies florestais nativas e trazendo subsídios para o estabelecimento de políticas que possam efetivamente aliar uma valorização dos recursos florestais nativos, o desenvolvimento destas comunidades juntamente com a conservação dos remanescentes florestais.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro da Secretaria da Agricultura de Santa Catarina/ FEPA e do CNPq; a bolsa de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais) concedida pela CAPES à primeira autora; ao IBAMA, atual ICMBio (FLONA de Caçador) por disponibilizarem a estrutura física para o desenvolvimento deste projeto. E, em especial, a comunidade da Taquara Verde que colaborou de várias maneiras para este trabalho.

Resumos do VI CBA e II CLAA

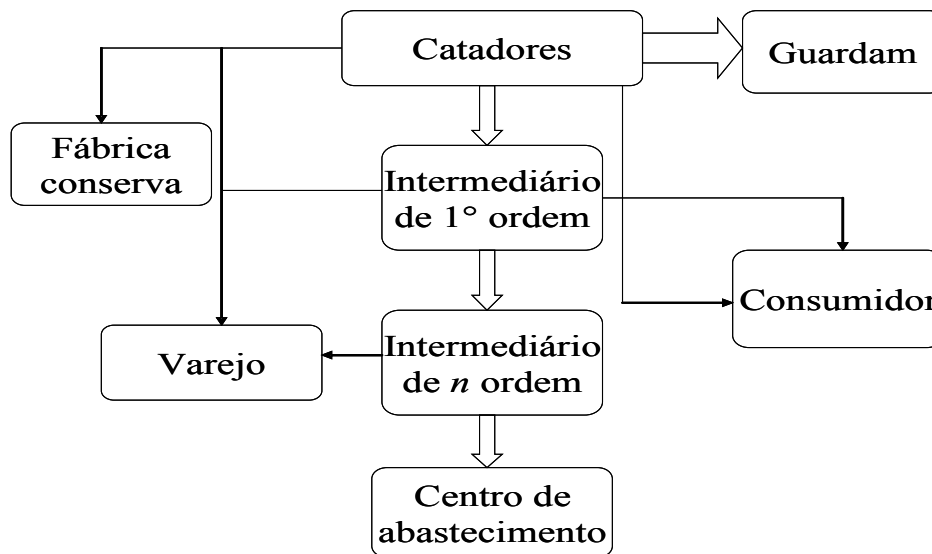


FIGURA 1. Canal de comercialização do pinhão, a partir dos relatos dos coletores e dos mercados do Distrito de Taquara Verde (seta larga = maior fluxo; seta fina = menor fluxo).

Referências

BIODIVERSITAS. *Revisão da lista da flora brasileira ameaçada de extinção*. Disponível em: <www.biodiversitas.org.br/floraBr/>. Acesso em: 16 nov. 2006.

GUERRA, M. P. *et al.* Exploração, manejo e conservação da Araucária (*Araucaria angustifolia*). In: SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. (Org.). *Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002. p.85-101.

DINERSTEIN, E. *et al.* *Una evaluación del estado de conservación de las ecoregiones terrestres América Latina y el Caribe*. Washington: Fondo Mundial para la Natureza, Banco Mundial, 1995.
REITZ, R.; KLEIN, R. M. *Araucariceae: flora ilustrada catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.

SANTOS, A.J.; CORSO, N.M.; MARTINS, G.; BITTENCOURT, E. Aspectos produtivos e comerciais do pinhão no Estado do Paraná. *Revista Floresta*, Curitiba, v. 2. n. 32, p. 163-169. 2002.

SANTOS, S.C. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Edune, 1973. 312p.

SHANLEY, P. *et al.* Introdução. In: SHANLEY, P. ET AL. (Eds.). *Explotando el mercado verde. S. Pueblos y plantas*. Kew: Nordan comunidad. 2002. v. 7. p.21-24.